

A problemática da circulação no noticiário sobre saúde¹

Marcelo ROBALINHO²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Este *paper* tem o objetivo de discutir as estratégias e lógicas envolvidas no noticiário sobre saúde produzido pelos seminários de informação. Consideramos a problemática da circulação no ambiente das mídias digitais como fundamental para analisar as transformações ocorridas na cobertura do jornalismo de revista e a noção de saúde produzida pelos semanários. A intenção é compreender melhor o papel dos relatos das revistas no contexto das redes sociais, para se examinar o contexto contemporâneo da saúde em conjunto aos dados de saúde que circulam na sociedade sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: circulação; jornalismo de revista; mídias digitais; saúde.

A MUDIATIZAÇÃO NA CADEIA COMUNICACIONAL

Sendo uma amálgama de dimensões que ultrapassam a questão biológica e do próprio meio ambiente em que vivemos, a noção de saúde articula questões socioculturais (Morris, 1998; Adam; Herlich, 2001; Almeida Filho, 2011; Czeresnia; Maciel; Oviedo, 2013). A mídia se insere como parte integrante e atuante a produzir sentidos sobre esse universo discursivo a partir dos seus relatos, sendo fundamental para examinarmos o contexto contemporâneo da saúde em conjunto aos dados que circulam na sociedade sobre o tema. O campo jornalístico em especial se constitui numa instância discursiva importante para a produção simbólica sobre saúde (Ferraz, 2015). Algo que vem se aprofundando cada vez mais no ambiente das redes sociais.

Relatando os fatos no espaço público, os veículos de imprensa selecionam e constroem os acontecimentos por meio de um contrato de comunicação em que buscam informar a sociedade e, ao mesmo tempo, garantir e legitimidade democrática e econômica do seu trabalho como mediadores na relação com o cidadão, o público-

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor-adjunto do Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Arte (Ichca-UFAL), email: marcelo.robvalho@ichca.ufal.br.

destinatário das mensagens (Charaudeau, 2006; 2009). Ao considerarmos a questão da circulação neste *paper*, propomos uma reconfiguração do olhar para as instâncias de produção e recepção, não as tomando como fixas e controladoras dos sentidos produzidos. Em vez disso, apontamos para a necessidade de se identificar as estratégias e lógicas envolvidas no processo comunicacional, uma vez que a atividade de produção de sentido realiza-se no âmbito de complexas zonas de enunciação ou por elas responsáveis, como é o caso da circulação, afirma Fausto Neto (2010, p. 61).

Considerar a circulação como questão central é estar imerso tanto teoricamente quanto no âmbito das práticas comunicacionais no contexto da midiatização. Discutida por vários autores (Fausto Neto, 2006; 2007; 2008; 2013; Sodré, 2006; 2010; 2014; Vizer, 2008; Charaudeau, 2008; 2012), em decorrência da centralidade dos *media* na nossa sociedade ou da na nossa experiência social vivida através da mídia, a midiatização recebeu algumas interpretações teóricas distintas umas das outras. Na prática, a midiatização poderia ser entendida como tecnologias, técnicas, lógicas, estratégias e certos protocolos, até então exclusivos do campo midiático, que teriam migrado para o tecido social, imbricando-se com certas dinâmicas existentes na sociedade. Caracterizada por um tipo particular de interação através da inserção das tecnologias de comunicação nas práticas sociais e institucionais, a midiatização vem afetando as formas de vida por uma natureza informacional mais sensorial, diz Sodré, 2006. Numa reflexão mais antropológica, ele postula que a midiatização implica novo modo de presença do sujeito no mundo, um quarto *bios*, ao traçar um paralelo com as formas da existência humana definidas por Aristóteles na Antiguidade Clássica.

Para o filósofo grego, a existência era concebida em gêneros qualificativos, os *bios*, certos ambientes em que ela se desenrolava. Dentre eles, o *bios theoretikos*, que representava a vida contemplativa e o conhecimento, o *bios politikos*, que indicava a vida política, e o *bios apolaustikos*, que era a vida prazerosa e do corpo. De âmbito existencial, o *bios midiático ou virtual* definiria uma nova tecnologia perceptiva e mental, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, ou seja, outra condição antropológica (Sodré, 2006, p. 23). Nesse novo ambiente, predominaria a esfera dos negócios e do comércio, em que seria possível se pensar no bem e na felicidade como elementos desejados, ao contrário da Antiguidade, quando o comércio era visto a partir do lucro.

Ao reinterpretar o conceito de *bios* no nível virtual, Sodré (2014) passa a considerar a mediação uma forma de acesso a essa forma de existência atual. Nela, a comunicação e a informação deixaram de ser despesas extras do capitalismo financeiro para se tornarem elementos fundamentais na circulação de capitais especulativos e na criação de ideologias para ocultar as consequências sociais que esse capitalismo tem, como o desemprego, se pensarmos na questão do trabalho. É isso que pode ser chamado de financeirização e o que requer o concurso historicamente inédito da comunicação e da informação. Tendo a internet como elemento potencializador da mediação, sobretudo pelas redes sociais e a convergência digital entre a internet e os meios tradicionais, como o jornal, o rádio e a televisão, esse processo estaria criando um novo tipo de sociabilidade efetivamente em rede.

Nesse sentido, a rede tem, para Sodré, um sobrevalor ideológico no espaço urbano da cidade de hoje, pois traz consigo a ideia de conexão, ligação, organização de coisas diferentes. A partir da mediação, poderíamos pensar, então, numa passagem da mídia de simples transmissora de informação para uma ambiência significativa, uma nova forma de vida virtual na qual faria as coisas existirem num espaço valorizado de significação. Nesse *bios midiático ou virtual*, a representação do real seria da ordem do abstrato, uma esfera específica em que a vida é apresentada como forma de domesticar o indivíduo. Chamar a atenção, atrair e manter sobre si mesmo o olhar do outro, converte-se em valor moral, diz o autor (2010, p. 28). Tem a ver com a experiência e ênfase aos afetos. Sendo possíveis de considerar também nos meios de comunicação ditos tradicionais (jornal, revistas, rádio e televisão), esses afetos nas estratégias enunciativas adotadas para captar e vender a notícia para o público poderiam ser entendidas sob o aspecto da dramatização do fato.

O conceito de mediação nos ajuda a pensar na dimensão discursiva constituída pelos meios de comunicação no contexto contemporâneo não apenas para falar das coisas, mas também de nós mesmos dentro de um novo modelo de produção, circulação e recepção de mensagens. Considerando a linguagem como uma das formas de mediação simbólica, a mediação se inscreve na ordem dos afetos, influenciando também na maneira e na finalidade de se acionar a memória, interferindo na própria noção de atualidade e acontecimento jornalístico. Nessa nova sociedade, a gerência das interações extrapola os meios para ser desempenhado por outros atores, sejam indivíduos ou instituições. A comunicação deixa de ser problema dos meios para ser

problema da sociedade, comentou Fausto Neto em entrevista à revista Radis (De Lavor, 2012, p. 20). Ele tomou como exemplo o caso do câncer do ex-presidente da República Lula para demonstrar como ele deu visibilidade à sua doença. Em vez de delegar à mídia a função de fazer saber, foi Lula junto com a sua assessoria que tratou de semantizar o tratamento médico e o seu desenrolar, tornando-se, para além de uma simples fonte de notícia dos veículos, um operador de sentido.

Sem a intenção de ampliar o debate sobre o assunto para além das fronteiras de nossa pesquisa, queremos nos ater às novas lógicas de produção dos veículos no contexto de midiaticização. Nesse processo, de acordo com Vizer (2008), os sujeitos-atores se constituem comunicacionalmente em três dimensões. Dentre elas, a referenciação e construção simbólica do mundo dos objetos (refere-se à realidade externa do discurso, cujas informações se tornam notícia), a interreferenciação midiaticizada (envolve os atores sociais no processo da comunicação) e a dimensão de autorreferencial dos agentes e dos meios (tem a ver com a forma de apresentação de si diante do mundo para construção de uma imagem pública). Essas dimensões mesclam e, às vezes, impõem-se umas sobre as outras na enunciação, produzindo acontecimentos discursivos híbridos, baseados na própria enunciação.

A RELAÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO COMUNICACIONAL

Associando esse debate ao contexto da saúde no noticiário jornalístico nas redes em relação à revista, queremos entender as particularidades de como o tema é tratado na atualidade, levando em conta a complexidade do assunto. Frente à ideia reducionista da saúde como prevenção de doenças, a concepção positiva da saúde, baseada na prevenção e na promoção da saúde não apenas individual, mas também no nível das coletividades, sobretudo, na tentativa de resgatar aspectos e valores mais amplos envolvidos no assunto, acabou generalizando o conceito de tal forma que ampliou a esfera de atuação do chamado setor saúde à totalidade da vida, da experiência humana, numa medicalização mais radical (Camargo Junior, 2007, p. 71, grifo do autor).

O caráter idealizante, quase utópico, da definição de saúde proposta pela Organização Mundial de Saúde (2006), em 1946, no contexto pós-guerra, como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consistindo somente da ausência de uma doença ou enfermidade contribuiu para ampliar a ideia de saúde, promovendo essa concepção positiva. Sem a devida problematização sobre o real

significado, a definição de saúde se tornou tão abrangente quanto imprecisa, sendo difícil de delimitar o que seria, de fato, um estado de completo bem-estar físico, mental e social, bem como tudo aquilo que não é doença. Se por um lado a definição da OMS ajudou a incluir a saúde nas constituições de vários países como um direito de todos os cidadãos e dever do Estado, por outro, acabou dificultando ainda mais o entendimento a respeito da concepção, carente de uma maior especificidade.

Buscando fugir dessa visão instrumental da biomedicina, Ayres (2007) defende uma concepção hermenêutica para pensar na saúde e na doença como processos de construção do cuidado através da implicação de todos os sujeitos envolvidos. Inspirado na hermenêutica filosófica desenvolvida por Gadamer (1999; 2002), que se baseia na razão prática de conhecer e reconhecer a saúde através da experiência vivida, essa concepção hermenêutica envolveria processos interpretativos-compreensivos dos sujeitos implicados (profissionais/serviços e usuários/populações).

Considerando os diversos fatores que abrangem o conceito de saúde, desde os mais materiais e tangíveis até os mais subjetivos, passando pelas práticas pessoais e institucionais, Almeida Filho (2011, p. 27, grifos nossos) destaca cinco pontos: (1) saúde como fenômeno (fato, atributo, função orgânica); (2) saúde como metáfora (construção cultural, produção simbólica ou representação ideológica); (3) saúde como medida (avaliação do estado de saúde, indicadores de saúde); (4) saúde como valor (procedimentos, serviços, regulações e direitos sociais) e (5) saúde como práxis (práticas de cuidado e atenção à saúde de governos e mercados).

Em cada uma dessas dimensões, articulam-se questões teórico-filosóficas, simbólicas, políticas e práticas do cotidiano dos serviços, dizendo respeito a questões do indivíduo e/ou do coletivo e indicando a existência de saúdes diversas (Almeida Filho, 2011). Nos governos, a saúde como medida, valor e práxis estariam, mais fortemente, no cerne do trabalho desenvolvido. Nos meios de comunicação, poderíamos pensar na saúde como metáfora constituindo a sua produção discursiva. Evidentemente que os fatores não são restritos a esses campos, muito menos as esferas lidam com esses elementos apenas. Pelo nosso foco com os semanários de informação e as mídias digitais, em que a linguagem é constitutiva do trabalho realizado pelos veículos de comunicação, a saúde como metáfora será de fundamental importância para compreendermos a dimensão simbólica da construção narrativa do jornalismo e a forma como trata das demais dimensões da saúde no noticiário.

PELOS CAMINHOS DA PESQUISA

A importância de refletir sobre o contemporâneo na construção dos relatos jornalísticos sobre saúde é grande, considerando o contexto do jornalismo de revista, inclusive através das mídias digitais. Esse tipo de narrativa impõe não apenas um jornalismo mais analítico e menos factual, com notícias exclusivas e novos ângulos (Scalzo, 2011), mas também a criação de um presente mais alongado por um fato que se inscreve no passado da semana anterior ou até mesmo um pouco mais distante, a depender dos enfoques dados, se considerarmos a versão impressa das revistas. Vemos, então, que não apenas o enunciado em si, mas também o ato da enunciação é que deve ser considerado neste estudo. Assim como a novidade e a atualidade são confundidos, o novo e o desconhecido também. Afirma Pena (2015, p. 40) que o fato de desconhecer determinado assunto “não significa que ele seja novo. (...) Mesmo assim, na primeira vez que a informação chegar até você, na sua acepção será sim uma novidade. Não existe o novo para todos, pois alguém tem que saber primeiro para contar aos outros”.

Essa questão da temporalidade se atrela a outra característica bastante peculiar das revistas: o tema como operador de sentidos nas rotinas produtivas. “Mais que dizer sobre o mundo; [o tema] participa, de forma importante, no como se diz, incidindo sobre práticas, conteúdos e formas”, segundo Tavares e Schwaab (2009, p. 2). Três aspectos são apontados por eles nessa operação: a inserção de assuntos não factuais, a abordagem de um tema atual, não atrelado necessariamente a um fato em si, e a edição dos temas abordados durante todo o ano pelas revistas geralmente numa edição especial, indicando a inserção do assunto no noticiário em determinado período. O jornalismo de revista vê-se envolto a processos de configurações editoriais (o tema caracterizando perfis editoriais), de segmentação (o tema caracterizando públicos), materiais e discursivas (o tema caracterizando formatos, visualidades e textos) (Tavares; Schwaab, 2009, p. 11). É importante para pensarmos na nossa pesquisa, ainda em fase inicial, tendo em vista que a saúde é construída pelos semanários de informação conforme essas lógicas, impondo enquadramentos diferenciados tanto às revistas quanto ao tema, por não se basearem exclusivamente no fato, ainda mais agora em que as redes sociais se configuram como um dos principais ambientes de circulação em que a própria notícia assume novas características, diversas do jornalismo de revista tradicional.

REFERÊNCIAS

ADAM, P.; HERZLICH, C. Sociologia da doença e da medicina. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: Edusc, 2001.

ALMEIDA FILHO, N.; CASTIEL, L. D.; AYRES, J. R. Risco: conceito básico da epidemiologia. In: BARRETO, M. L.; ALMEIDA FILHO, N. Epidemiologia e saúde: fundamentos, métodos e aplicações. São Paulo, 2011. p. 43-54.

AYRES, J. R. de C M. Uma concepção hermenêutica de saúde. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 43-62, 2007.

CAMARGO JÚNIOR; K. R. de. As armadilhas da concepção positiva de saúde. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 63-76, 2007.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Linguagem e discurso: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. Entrevista com Patrick Charaudeau: entrevista com Maria Eduarda Giering. Tradução de Natália Labella. Calidoscópio. Porto Alegre: Unisinos, v. 10, n. 3, p. 328-331, set./dez. 2012.

_____. (sous la direction de). La médiatisation de la science : clonage, OGM, manipulations génétiques. Bruxelles : De Boeck, 2008.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M. G. de S.; OVIEDO, R. A. M. Os sentidos da saúde e da doença. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. (Coleção Temas em Saúde).

DE LAVOR, A. Cotidiano atravessado pela mídia. Radis: comunicação e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, n. 116, p. 20-21, abr. 2012.

FAUSTO NETO, A. Mutações nos discursos jornalísticos: da construção da realidade à realidade da construção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. Anais... São Paulo: Intercom, 2006.

_____. Enunciação, auto-referencialidade e incompletude. Revista Famecos. Porto Alegre, n. 34, p. 78-85, dez. 2007.

_____. Mudanças da medusa? A enunciação midiaticizada e sua incompletude. In: FAUSTO NETO, A. et al. (Org.). Miatização e processos sociais na América Latina. São Paulo: Paulus, 2008, p. 119-44.

_____. Chávez, morte e desamparo informativo na cena da circulação midiaticizada. Rizoma. Santa Cruz do Sul, RS: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 25-45, jul. 2013.

_____. As bordas da circulação... Alceu, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 55-69, jan./jun. 2010.

FERRAZ, L. M. R. Doença, uma noção (também) jornalística: estudo cartográfico do noticiário de capa do semanário de informação Veja (1968-2014). 2015. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde) Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

GADAMER, H. G. Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. Pós-fácio à 3ª edição (de Wahrheit um method). In: _____. Verdade e método II. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 508-44.

MORRIS, D. B. Doença e cultura na era pós-moderna. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Basic documents. 45. ed., Supplement, October 2006.

PENA, F. Teoria do jornalismo. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.

SCALZO, M. Jornalismo de revista. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SODRÉ, M. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, D. de. (Org.). Sociedade midiatizada. Traduções de Carlos Frederico Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lúcio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

TAVARES, F.; SCHWAAB, R. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 18., 2009. Anais... Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009.

VIZER, E. A. Midiatização e (trans)subjetividade na cultura tecnológica: a dupla face da sociedade midiatizada. In: FAUSTO NETO, A. et al. (Org.). Midiatização e processos sociais na América Latina. São Paulo: Paulus, 2008, p. 31-50.